

Uma teia de palavras: Fontela e sua poética de crise existencial

Luciane da Mota Frota¹

¹Acadêmica do curso de graduação em Letras/Espanhol pela Universidade Aberta do Brasil/Universidade Estadual de Montes Claros - UAB/Unimontes.

RESUMO

A presença feminina na literatura, a partir do século XX, mostrou-se com um crescimento nítido e definitivo, uma vez que as mulheres escritoras se fizeram muito mais presentes em cena do que no passado. A poesia de Fontela (2008) contraria qualquer expectativa de uma visão agradável ou convencional da vida, pois traduz, em versos breves e rigorosos, as dores humanas. É assim que, refletindo sobre a existência humana, a poeta se faz diferente ao contemplar ao seu redor aquilo que é inefável, bem como a sua própria solidão. **Objetivo:** Este estudo tem por objetivo analisar os aspectos existenciais e intimistas que permeiam a poesia de Fontela (2008), levando em consideração o tom amargo e seco dos seus versos, porém lírico e simbólico. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de caráter qualitativo com procedimento documental, tendo como instrumento de coleta de dados os poemas dessa autora. **Resultados:** O que se vê, na poesia de Fontela (2008) é uma tentativa de revelar o seu drama existencial, a sua essência poética, verdadeira e lúcida. **Conside rações finais:** O entendimento e a compreensão de sua obra só traz um maior enriquecimento para o rol de poetisas brasileiras que buscaram imprimir, ainda que sofrendo com os descasos da crítica, o seu potencial artístico de grande significação para a arte no país.

Palavras-chave: Orides Fontela; Poesia; Existencialidade.

INTRODUÇÃO

Membro da escola de poesia contemporânea, Orides de Lourdes Teixeira Fontela, filha única de pais analfabetos, nasceu em São João da Boa Vista, interior de São Paulo, em 21 de abril de 1940, numa família pobre, filha de Álvaro Fontela (operário) e Laurinda Teixeira Fontela (dona de casa). Nos anos 1960, cursou filosofia na USP. Entre 1969 e 1996, publicou cinco livros de poesia. Sua personalidade atormentada e inquieta, a qual muitas vezes deixou transparecer em seus poemas breves e amargos, afastou-a do convívio social. A crítica literária costuma atribuir a sua pouca aceitação nos meios acadêmicos ao seu temperamento agressivo e à sua índole irritadiça, marcada por uma vida desregrada e pelo vício do alcoolismo. Solteira, sem filhos, ou parentes próximos, Orides faleceu aos 58 anos, em 2 de novembro de 1998, de tuberculose, na Fundação Sanatório São Paulo e por pouco não foi enterrada como indigente em Campos do Jordão. A biografia de Orides Fontela é controversa e de linha transgressora. É factual recorrer à suas origens por revelar seu posicionamento literário mais afiado, pungente e abissal.

Adentrar a poesia de Fontela (2008) é mergulhar numa verdadeira teia de palavras aonde o raciocínio não chega, é ir rumo ao inexprimível, ao nunca dito. Sua obra, que foi apreciada por críticos renomados como, Antônio Cândido, Augusto Massi, Davi Arriguchi Jr. e Marilena Chauí e representa um verdadeiro convite em busca da poesia em seu estado metafísico e de várias explicações, entre elas a natureza e essência do ser, da matéria e das coisas. Tais autores não deixaram de observar a qualidade grandiosa e a densidade poética de Fontela (2008), cuja obra é constituída, em sua maioria, de poemas curtos, mas

repletos de significação. Para Fontela (2008), o branco da página representa o lugar capaz de dar voz aos seus mais profundos tormentos existenciais. A partir de algumas imagens, bastante simbólicas, seu lirismo se concretiza: “Forma/ densamente forma/ como revelar-te/ se me revelas?” (FONTELA, 2008, p. 86).

Nessa forma, como declara a poeta, algumas imagens são muito recorrentes na sua poesia e aparecem marcadas de uma simbologia ligada ao existencialismo filosófico, sendo uma das principais o espelho. A partir de tal imagem, pode-se, inclusive, guiar um possível viés de interpretação, numa tentativa de decifrar um pouco da lírica oridiana. Uma lírica que quer se configurar com alternativa de fuga contra o anonimato, como um fazer emergir de um local. Sendo assim, a poesia se dá como um mecanismo de escuta do que há dentro da poeta para que haja o reconhecimento e explanação do seu ser. Mesmo que seus textos não estejam cheios de confissões pessoais, eles se apresentam marcados por um intenso existencialismo.

Para Heidegger (2003, p. 59):

Poetizar significa: dizer seguindo a proclamada harmonia do espírito do desprendimento. Antes de tornar-se um dizer, ou seja, um pronunciamento, poesia é na maior parte de seu tempo escuta. O desprendimento acolhe antes de mais nada a escuta em sua harmonia para que essa harmonia repercuta no dizer em que ela está a ressoar.

Dessa forma, tendo como ponto de partida o fazer-se ressoar, a poesia de Fontela revela, a partir de uma linguagem simples, uma verdadeira harmonia entre poeta-objetos-vida-essência-transcedência, pois traduz-se como espelho do comportamento e da alma humanos. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo uma análise dos aspectos existenciais e intimistas que permeiam a poesia de Fontela (2008).

METODOLOGIA

Estudo de caráter qualitativo com procedimento documental, tendo como objeto de estudo a cartela de poemas da autora Orides Fontela, no livro Poesia Reunida (2008). Foram analisados os poemas da referida autora ressaltando os aspectos existências e intimistas.

DISCUSSÃO

A criação poética de Fontela (2008) é constantemente marcada por uma perplexidade abstrata diante da vida, refletindo justamente sobre o caráter contraditório da existência e traduzindo um lugar onde o raciocínio não existe. É o ponto nevrálgico dos poemas, habitado pelo espaço das palavras, que faz dessa mulher escritora um todo poderoso diante da vida e da sua condição marginal. A partir de uma visão desagradável e pessimista da existência, seus poemas apontam para uma instância de ceticismo e desalento em face dos caminhos percorridos e das experiências vividas: – é proibido/ voltar atrás/ e chorar (FONTELA, 2008, p. 296).

É a partir de situações inexplicáveis, marcadas por diversos questionamentos filosóficos, que se articula a poética de Fontela, numa tentativa de superar o vazio existencial que permeia o ser humano. Numa linguagem culta e constituída de metáforas que buscam o tempo todo simbolizar a vida, o discurso oridiano visa a uma captura do incapturável universo do ser, como se os mistérios da vida pudessem ser traduzidos por meio das palavras. Novamente o espelho tenta refletir algo que o eu lírico não consegue exprimir, porque tem plena consciência de que isso é impossível, como se pode observar nos fragmentos seguintes:

[...] Mundos frágeis adquiridos
no despedaçamento de um só.
E o saber do real múltiplo
e o sabor dos reais possíveis
e o livre jogo instituído
contra a limitação das coisas

contra a forma anterior do espelho.

E a vertigem das novas formas
multiplicando a consciência
e a consciência que se cria
em jogos múltiplos e lúcidos
até gerar-se totalmente:
no exercício do jogo
esgotando os níveis do ser [...]

(FONTELA, 2008, p. 19)

Para Branco (1996), essa ânsia da escrita feminina de buscar o impossível da linguagem é algo bastante recorrente, como se o texto não buscasse o preenchimento, nem a resolução do conflito, mas sim a carícia que o som, o ritmo, a ondulação da voz e a respiração possam produzir na orelha do leitor. O jogo da multiplicidade do ser se mostra aos olhares mais atentos, a partir desses versos, não como decifração de questões, mas como exercício de uma linguagem indizível para todas as respostas humanas acerca dos níveis do ser.

De acordo com Heidegger:

A poesia de um poeta está sempre impronunciada. Nenhum poema isolado e nem mesmo o conjunto de seus poemas diz tudo. Cada poema fala, no entanto, a partir da totalidade dessa única poesia, dizendo-a sempre a cada vez. Do lugar da poesia emerge a onda que a cada vez movimenta o dizer como uma saga poética. Longe de abandonar o lugar da poesia, a onda que emerge permite que toda a movimentação do dizer seja reconduzida para a origem sempre mais velada. Como fonte da onda em movimento, o lugar da poesia abriga a essência velada do que a representação estética e metafísica apreende de imediato como ritmo (HEIDEGGER, 2003, p. 28).

Complementando o pensamento de Branco (1996), de que o texto nunca consegue dizer tudo aquilo a que se pretende, as palavras de Heidegger (2003) confirmam o ideal proposto pela poesia, o de ser, quase sempre, impronunciada. Entretanto, conforme diz Heidegger, a poesia é capaz de abrigar uma essência da linguagem e nesta essência reside, inconscientemente, a totalidade do ser. Mesmo que, por diversos momentos, segundo Sússekind (1993), ao se referir à poesia de Orides Fontela: “chama a atenção de cara, sua preferência por infinitivos, indeterminações, substantivos abstratos ou nomes referentes a elementos inanimados” (SÚSSEKIND, 1993, p. 310).

Enredando, assim, para o seu mosaico de palavras inconclusas e indefinidas, Fontela (2008) se apresenta como a imagem de Penélope. Personagem mitológica, que faz e logo desfaz, numa metáfora agonizante da vida humana, que nada mais é do que uma simples teia construída e desconstruída ao sabor da inconstância e mutabilidade da vida humana: um detalhe marcadamente observado e transposto em palavras para o papel por meio da sensibilidade poética de Fontela. Em vários de seus poemas é evidente essa consciência de fragilidade em meio à fragmentação e às contradições impostas pela existência:

PENÉLOPE

O que faço des
faço

O que vivo des
vivo

O que amo des
amo

(meu “sim” traz o “não” no seio)

(FONTELA, 2008, p. 169).

Segundo Süssekind (1993), essa fragmentação, inevitável na própria forma de constituição do poema, sugere abertamente o que já foi dito anteriormente. A poeta se vê diante de um inevitável embate existencial com a palavra e apresenta sua poesia como um verdadeiro processo de imagens marcadas por sucessivas dissecções, as quais representam, inclusive, o dilaceramento do seu próprio eu, que não consegue dizer o quanto de si gostaria de poder falar. Cabe ao leitor atentar para a descoberta do que está por trás desta tentativa constante de se deixar transparecer na destruição da forma e no desfacelamento das palavras que compõem os versos. Pode, sim, ser uma tentativa desesperada de se deixar traduzir, ainda que na quebra da forma, a essência perturbada e desequilibrada da poeta, uma vez que, nos dizeres de Coelho: “Orides Fontela, uma das vozes que quase anonimamente - em dor, em ânsia de beleza, verdade e essencialidade - deixou em poesia seu testemunho de vida, nestes tempos de caos” (COELHO, 2002, p. 533).

Construindo a sua teia de palavras, Fontela carrega a marca do existencialismo em seus versos líricos, ainda que curtos e fragmentados, mas que conseguem transpor e refletir questões de significativa relevância. Manifestando uma concepção de mundo, seus versos breves e rigorosos traduzem as dores humanas, contrariando qualquer expectativa de uma visão agradável ou convencional da vida. A vida é metaforizada na figura de uma teia, armadilha prene que nos prende a todos.

TEIA

A teia, não
mágica
mas arma, armadilha

a teia, não
morta
mas sensitiva, vivente

a teia, não
arte
mas trabalho, tensa

a teia, não
virgem
mas intensamente
 prene:

no
centro
a aranha espera.

(FONTELA, 2008, p. 275)

Mesmo nessa densidade poética em que se encontra, tentando fazer da palavra sua única salvação do anonimato e percebendo que essa palavra não pode eleger toda a sua essencialidade, a poeta lança sua teia à escrita. O leitor precisa voltar várias vezes ao seu texto para entender a multiplicidade de sentidos que ele pode lhe oferecer. Por várias vezes, a inquietação é sinônimo de escrita, leitura e transcendência. Expressar-se por meio do inexpresso é a maior audácia do texto oridiano, que, por meio de estrofes tão fragmentadas e problematizadas, quer mostrar ao leitor que sua palavra será sempre uma constante na questão existencial. Sua teia nunca deixará de cantar oculta aos ouvintes mais seletos, que veem nos seus textos um encontro com

a razão pura de ser humano. “Embora exista o risco real de banhar-se no esquecimento, Orides também sabe que sempre existirá um “murmúrio que não cessa. Nunca a fonte deixará de cantar oculta” (MASSI, 1983, p. 100-101).

Para Fontela (2008), o mais importante de tudo é nunca deixar de falar, ainda que a sua fala não consiga abarcar todas as respostas possíveis que perpassam pelas dúvidas humanas acerca da existência do ser. É um tentar obstinadamente decifrar o impasse entre o poeta e o mundo das palavras, fato que a poeta tem perfeita consciência desta impossibilidade, já que a essência das palavras praticamente não dá conta de exprimir a sensibilidade poética e humana, sendo a palavra densa e fere. Isso fica bem exemplificado nos fragmentos que se seguem transcritos do poema Fala:

[...]

Tudo será difícil de dizer:

A palavra real

Nunca é suave.

Tudo será duro:

Luz impiedosa

Excessiva vivência

Consciência demais do ser.

[...]

Não há piedade nos signos

E nem no amor: o ser

É excessivamente lúcido

E a palavra é densa e nos fere [...]

(FONTELA, 2008, p. 31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ressalta-se a importância de Fontela (2008) para o cenário literário brasileiro. O entendimento e a compreensão de sua obra só traz um maior enriquecimento para o rol de poetisas brasileiras que buscaram imprimir, ainda que sofrendo com os descasos da crítica, o seu potencial artístico de grande significação para a arte no país.

Nesse viés, a recepção dos textos oridianos, levando-se em consideração todo o drama existencial que permeia sua poética, traz também uma luz para um possível entendimento daquilo que Heidegger qualifica como a compreensibilidade do ser a partir do seu discurso, da sua palavra. Mesmo que as palavras, assim como pontua o Heidegger, não estejam totalmente dotadas de significados, conseguem expressar a essencialidade do ser. O que se vê na poesia de Fontela é uma tentativa de revelar o seu drama existencial, a sua essência poética, verdadeira e lúcida.

Sem se preocupar com todos os comentários sórdidos que foram expostos sobre a vida biográfica da autora, o leitor deve ler os poemas de Orides numa busca incessante pela sua riqueza poética e clássica. Isso porque a autora se deixa envolver por todo o universo da arte poética, desde as influências mais antigas às modernas, transpondo para seus textos muito mais que apenas palavras. Muito mais que isso, seus textos evocam sentimentos que podem ser elucidativos não apenas da sua crise existencial, mas de qualquer ser humano nesta “desrazão” que acoberta a vida. A sua busca pelo reconhecimento, pela fuga da pobreza e do anonimato se reflete como a busca de todos nós, seres em caminhos distintos, mas tão semelhantes nas dores, nos amores, dramas e traumas, que é quase impossível não se deixar reconhecer nos versos dela. Cabe ao leitor “COMER o vinho/ beber o pão nesta luz (natural?) da desrazão.” Numa tentativa de decifrar o

indecifrável, descobrir o verdadeiro sentido da essência do ser em sua plenitude existencial, se é que isso é possível.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Lúcia Castelo. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escritura Editora, 2002.

FONTAINE, Orides. **Poesia Reunida**. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: 7 letras, 2 edição, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.

MASSI, Augusto. **Orides Fontela: Alba**. Colóquio Letras, nº. 76, p. 100-101, nov.1983. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=76&p=100&o=r> Acesso em: 28 abr. 2011.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis Colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.